

# humanitas

Vol. LIX

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



# HVMANITAS

Vol. LVIX - MMVII



exacto de un término, la *auctóritas*, que dan la *consuetudo* y sobre todo la *vetustas*, proporciona la elegancia.

Depois de tratar do problema da dicotomia uso-norma, o A. discute o emprego dos recursos retóricos enquanto meios para "lograr una prosa y oratoria elegantes", sempre numa perspectiva diacrónica da evolução doutrinal, concluindo o capítulo com uma reflexão sobre a elegância gramatical.

O penúltimo capítulo é dedicado aos continuadores de Valia - Pastrana, Nebrija, João Vaz, Niccolò Perotti, Erasmo - e à sua recepção em Espanha. O capítulo final trata dos gramáticos que se situam já na transição para as gramáticas racionais (Tomás Linacro e J. C. Escalígero).

Podemos dizer que se trata de uma obra imprescindível para o estudo da gramática e da retórica latinas, para a história do estudo científico da Linguística e um valioso contributo para uma definição mais precisa da terminologia latina destas vastas áreas de estudo.

Fazem-nos falta estudos deste género que clarifiquem, desde a Antiguidade até ao presente, os conceitos mais importantes da cultura greco-romana e estudem a respectiva polissemia, tanto no plano paradigmático, como no sintagmático, e numa perspectiva sincrónica e diacrónica, tal como Santiago López Moreda o fez, de forma exemplar, relativamente ao conceito de *elegantia*. É neste âmbito que saudamos vivamente a publicação desta obra.

ANTÓNIO MANUEL RIBEIRO REBELO

MIRANDA, Maria Margarida Lopes de, *Teatro nos colégios dos jesuítas. A Tragédia de Acab de Miguel Venegas e o início de um género dramático* (século XVI), Lisboa, FCG/FCT, 2006, 756 pp. ISBN: 972-31-1168-3.

As tragédias bíblicas neolatinas de Miguel Venegas, representadas pela primeira vez em Coimbra, no Colégio das Artes, entre 1559 e 1562, deram início ao teatro jesuítico, de características trágicas, sacras, bíblicas, musicais e profundamente retóricas — na linha do teatro escolar de tema bíblico que se praticava nos Colégios europeus, como afirma Américo da Costa Ramalho, no Prefácio a esta obra: «A actividade dos jesuítas no Colégio das Artes de Coimbra não difere muito daquela do corpo docente inicial, composto pelos companheiros de André de Gouveia, com ele vindos de França em 1547. Os programas são praticamente os mesmos com forte predominância das obras pagãs da Literatura Latina. E o nível de qualidade e exigência do ensino não é inferior ao dos professores iniciais. A própria prática do teatro latino vinha já deles».

Na primeira parte do trabalho a Autora procura situar a Tragédia de Acab na dramaturgia ibérica e europeia do séc. XVI, salientando os autores que precederam Venegas, como Diogo de Teive e Jorge Buchanan. Estes mestres que compuseram e fizeram representar peças de teatro com fins pedagógicos, em Bordéus, no Colégio da Guiena — de que dá testemunho o então aluno-actor Michel de Montaigne, nos seus *Essais* — e também em Coimbra, iniciaram um verdadeiro «ciclo trágico» que os jesuítas continuaram e desenvolveram, depois de 1555, data em que D. João III lhes entrega, pela mão de Diogo de Teive, a direcção do Colégio das Artes. A semelhança do que acontecia nos grandes centros intelectuais da Reforma, que contava com pedagogos como Johan Sturm e Philippe Melanchthon, a temática bíblica era privilegiada, no teatro europeu e português. A apresentação em cena de figuras do Antigo Testamento, ou da hagiografia cristã, ou de parábolas do Evangelho permitia ao poeta trágico, pedagogo humanista, fazer o paralelismo entre o passado bíblico e o presente e debater os problemas mais prementes da sociedade contemporânea, de índole política, social e religiosa, numa assimilação perfeita dos temas da Sagrada Escritura aos temas do Humanismo.

A Autora estuda assim a génese do teatro de Miguel Venegas, um castelhano herdeiro da tradição universitária de Alcalá, autor das primeiras tragédias representadas no Colégio das Artes, sob a jurisdição dos jesuítas. Vão elas abrir caminho à prática teatral que a *Ratio Studiorum*, mais tarde, aprovou e promoveu em todos os Colégios. Contra a ideia vulgarmente aceite de que o Teatro Jesuítico nasceu em Roma, Margarida Miranda recorda que as primeiras peças conhecidas que mereceram a representação em Roma foram precisamente as de Miguel Venegas, a Achabus, em 1565, e a Saul Gelboeus, em 1566. Em breve essas tragédias alcançaram uma dimensão internacional incontestável e converteram-se num arquétipo longamente imitado por toda uma geração de Jesuítas.

A concluir esta primeira Parte, encontra-se ainda um comentário aos Coros musicais da Achabus (em primeira transcrição moderna) compostos por D. Francisco de Santa Maria, que têm o valor de serem os mais antigos Coros de teatro humanístico conhecidos. Na verdade, não nos é possível apreciar os Coros — muito provavelmente da autoria do mesmo compositor — da tragédia David de Diogo de Teive, hoje desaparecida, sobre o episódio de Golias que David abateu com a sua funda. Foi levada à cena em Santa Cruz, no claustro da Portaria, em 16 de Março de 1550, por ocasião do bacharelato em Artes de D. António, o famigerado Prior do Crato, filho do Infante D. Luís — irmão de D. João III. Mais de um século havia decorrido e ainda se conservavam na memória os coros das moças de Israel, acompanhados de música suave, que saudavam o regresso do herói vitorioso: *percussit Saul mille, et David decem millia* 'Saul matou mil e David dez mil'.

A Parte II corresponde a uma introdução à leitura da peça, cuja chave essencial é o ensino da Retórica. Por isso, o fio condutor do comentário foi justamente o conjunto das partes da Retórica clássica: a *dispositio*, a *inuentio*, a *elocutio* e, parte não menos importante quando se trata de uma obra dramática, a *pronuntiatio*. Do ponto de vista da história das ideias é extremamente interessante o poder alegórico da luta de Elias contra os reis idólatras (no tempo da luta da Igreja de Roma contra as heresias protestantes) bem como o estudo das inúmeras reflexões sobre as controvérsias religiosas e políticas da sua época e das suas analogias com a realidade nacional do luto pela morte do soberano.

Juntamente com o presente livro saiu a edição do texto e respectiva tradução de Achabus, em CD-ROM. Não sendo a edição totalizante nem definitiva (devido às contingências dos textos do Humanismo), no dizer da autora, ela permitiu no entanto reduzir ao mínimo o grau de incertezas, permitindo o respeito pelo texto e pelo leitor. A tradução, nem sempre fácil numa leitura moderna, procura respeitar o nível estilístico e ornamental do produto poético de Venegas, denso de significado, e barroco *avant la lettre*.

Do maior interesse e originalidade é a análise métrica dos diálogos e dos coros da tragédia Achabus e sobretudo a apresentação, em anexo, da Partitura dos coros III, IV e V, em transcrição do irmão da autora, Pe. Dr. Pedro Miranda, Maestro do Grupo vocal Ançãble (nome que pretende ser uma homenagem à sua terra, Ançã). Este grupo, em que Margarida Miranda encanta com a sua voz admirável, tem abrilhantado um sem número de actividades culturais da Universidade de Coimbra, e para além dela, com os seus recitais de música barroca e renascentista e a execução de peças inéditas da polifonia portuguesa do período áureo.

Esta obra, *Teatro no colégio dos jesuítas. A Tragédia de Acab de Miguel Venegas S. I. e o início de um género dramático (século XVI)*, que corresponde, no essencial, à dissertação de doutoramento da Autora, é um valioso contributo para o conhecimento da dramaturgia neolatina em Portugal e na Europa.

NAIR NAZARÉ CASTRO SOARES

MUDD, Mary, I, *Livia, the Counterfeit Criminal. The Story of a much maligned Woman*, Victoria, Trafford Publishing, 2005, 460 pp. ISBN: 1412046068.

A investigação que Mary Mudd nos propõe com este livro é mais uma biografia, de grande qualidade note-se, da imperatriz Livia, popularmente celebrizada pelos romances de R. Graves. Em 2002, A. Barrett apresentou-nos